

A Semana



Demóstenes Torres nas urnas

Por um placar apertado, 3 votos a 2, a 2ª Turma do Supremo Tribunal Federal autorizou o senador cassado Demóstenes Torres a concorrer nas eleições de outubro, mas não lhe devolveu o mandato. Os ministros, que meses antes tinham anulado as provas colhidas contra o parlamentar, acusado de utilizar o cargo para beneficiar o doleiro Carlinhos Cachoeira, atropelaram a determinação do Senado, que impedia Torres de disputar um cargo público até 2027. Antes de ter expostas as entranhas de seu relacionamento servil com Cachoeira, o ex-demista, hoje no PTB, posava de "paladino da ética" nos corredores do Congresso.

Lava Jato/ Aécio Neves vira réu

A 1ª Turma do STF
acata denúncia contra
o senador tucano



O ministro Alexandre de Moraes tentou amenizar durante a sessão, a defesa disse que o dinheiro "emprestado" estava à disposição do Supremo Tribunal Federal, Aécio Neves negou ter cometido um crime, mas não bastou. A 1ª Turma do STF decidiu por 5 votos a 0 tornar o senador tucano réu no inquérito baseado na delação da JBS.

A principal divergência partiu de Moraes. Para o ministro, que foi filiado ao PSDB e integrou governos tucanos em São Paulo, não há indícios suficientes para processar Aécio Neves por obstrução de Justiça. "Por mais absurdas que tenham sido as gravações, algumas frases demonstram intenção, outras, meras bravatas de poder", atenuou.

O senador é acusado de pedir (e receber) 2 milhões de reais em propina da JBS e de tentar atrapalhar as investigações da Operação

Lava Jato. Em uma das conversas gravadas por Joesley Batista, um dos donos do frigorífico, o tucano insinua pressões para a substituição de Osmar Serraglio, então ministro da Justiça, por um nome capaz de interferir no comando da Polícia Federal.

O empresário gravou ainda o pedido dos 2 milhões de reais, supostamente para pagar os advogados de defesa do parlamentar no inquérito da Lava Jato, além de ter filmado Frederico Pacheco, primo de Aécio, no momento em que a quantia era entregue.

Por 4 a 1, a maioria dos ministros recusou o desmembramento dos inquéritos que envolvem investigados sem foro privilegiado. As ações de Pacheco, Andrea Neves, irmã do senador, e Mendherson Lima, ex-assessor parlamentar do senador Zezé Perrella, aliado do tucano, continuarão a tramitar no Supremo.

Aécio não está impedido de se candidatar.

CARLOS MAGNO, MARCOS OLIVEIRA/AG. SENADO, MÍDIA NINJA E ANTONIO CRUZI/ABR



25.4.18

Ocupação/ O triplex mequetrefe

O MTST desmonta o delírio a respeito do apartamento nababesco no Guarujá

Os relatos distorcidos da mídia e o delírio reinante nas redes sociais transformaram o triplex no Guarujá, aquele que nunca pertenceu a Lula, em uma espécie de palácio de sultão árabe. Os boatos de elevador privativo e da reforma de 777 mil reais alimentaram a imaginação de quem enxerga o mundo pela tela de um celular, de um computador ou tevê. Não seria espantoso se algum incauto tenha, ao ouvir falar do triplex, presumido uma cobertura com piscina em cascata, heliporto e uma vista eterna para o Mediterrâneo.

A invasão relâmpago do MTST ao Edifício Solaris teve a grande serventia de restaurar a realidade para quem dela não prescinde. As fotos e os vídeos valem mais que mil descrições a respeito daquele puxadinho de três andares erguido de frente a uma praia popular. A

escada claustrofóbica que leva ao terceiro andar lembra *Um Corpo que Cai*, filme de Alfred Hitchcock. As janelas minúsculas parecem ter vergonha dos farofeiros na areia. A cozinha é apropriada a um casal sem filhos que prefere frequentar restaurantes. Entende-se o motivo de Lula ter recusado a compra do apartamento. Nem a tal reforma de 770 mil reais o tornaria habitável.

O MTST expôs ainda outra obviedade: não existe um proprietário para reivindicar a posse do imóvel atribuído ao ex-presidente pelo juiz Sergio Moro. Para retirar os sem-teto, a polícia escorou-se na desculpa do flagrante. Não fosse essa artimanha, os militantes curtiriam a praia sem ser incomodados.

P.S.: O triplex continua sem dono. Ninguém se habilitou a adquirir o apartamento no leilão da terça-feira 17 ordenado por Moro.



Cabral, 100 anos não bastam

As denúncias contra Sérgio Cabral não têm fim. Apesar de acumular 100 anos de prisão em diversas condenações no âmbito da Lava Jato, o ex-governador do Rio de Janeiro enfrentará mais uma denúncia do Ministério Público Federal, desta vez por corrupção passiva por supostamente aceitar a promessa de propina de 1 milhão de reais desviada de contratos da Secretaria de Estado da Administração Penitenciária. Se a Justiça acolher a denúncia, Cabral passará a responder a 23 inquéritos, recorde entre os investigados pela Lava Jato.



A Semana

Pesquisas/ A prisão de Lula e as eleições

Reflexos da ação arbitrária: cresce a percepção de injustiça cometida em relação ao ex-presidente e aumenta a simpatia ao PT

POR MARCOS COIMBRA



É possível avaliar o impacto inicial da prisão de Lula nas eleições deste ano. É certo que há muita água para correr por baixo da ponte e que até outubro o cenário pode mudar. Mas é também admissível que permaneça no essencial, o que torna mais interessantes os primeiros resultados.

Saíram, nos últimos dias, três pesquisas que, apesar das diferenças entre elas, apontam para tendências semelhantes. A

primeira, da Ipsos, tratou apenas de valores e opiniões. A seguir veio uma pesquisa do Datafolha, submetida à intensa manipulação por seu contratante, a *Folha de S. Paulo*, que a desfigurou em aspectos importantes, mas não a ponto de impedir seu uso. A mais recente, do instituto Vox Populi, completa a trinca.

Ao olhar as três, são duas as principais conclusões. Uma: a prisão teve pequeno efeito nas intenções de voto, o que é obviamente positivo para quem está na

frente. A segunda: o ato, da maneira como foi praticado, aumentou a simpatia da maioria da opinião pública para com Lula e, por extensão, seu partido.

Nas intenções de voto, aferidas pelo Datafolha e o Vox Populi, Lula permanece como grande favorito, seguido por Jair Bolsonaro, Joaquim Barbosa e Marina Silva, próximos em um distante segundo lugar. Os demais candidatos pontuam em torno de 5% ou menos, com destaque para a pífia performance dos

RICARDO STUCKERT



Mesmo encarcerado, Lula continua o favorito dos eleitores

PARA 59%, A CONDENÇÃO FOI POLÍTICA, APUROU O VOX POPULI

prisão. Incapacidade de ler uma pesquisa ou simples desonestidade, pois comparava o desempenho de Lula em fevereiro, em lista sem Marina Silva, com a mais recente, com o nome da ex-senadora. No texto da reportagem estava escrito que “a comparação entre os dois levantamentos não é possível”, mas foi o que sustentou a manchete enganadora: os únicos dados efetivamente comparáveis eram aqueles de segundo turno, onde não havia sinal de “enfraquecimento”.

Nas pesquisas do Vox, Lula também ficou estável de fevereiro para cá, com ligeira tendência de alta (tinha 45% e agora obteve 47%). Entre os demais candidatos, houve aproximação entre Bolsonaro e Barbosa. Os dois cresceram entre dezembro de 2017 e fevereiro, mas agora apenas o segundo subiu. Com isso, a distância entre ambos, que esteve em 6 pontos percentuais, reduziu-se a apenas 2. É cedo para garantir, mas o ex-ministro parece ter mais espaço para crescer que o deputado. A prisão de Lula deixou, portanto, basicamente inalteradas as intenções de voto, salvo nesse aspecto que pouco tem a ver com ela.

Teve, no entanto, uma consequência em um aspecto talvez mais importante que o tamanho das intenções a seis meses da eleição. O ato em si da prisão e o modo apressado, autoritário e truculento com que foi realizado fizeram aumentar a percepção favorável da maioria da sociedade em relação a Lula. Nisso, os

resultados da pesquisa do Vox se parecem com vários da Ipsos.

A condenação por Sergio Moro havia sido avaliada, em outubro passado, como “justa” por uma significativa maioria de 57% dos entrevistados pelo Vox e como “injusta” por 27%. A prisão, ao contrário, dividiu a sociedade, apesar da campanha cotidiana contra o ex-presidente conduzida pelos oligopólios de mídia, que foram incapazes de impor sua versão ao País.

Para 59% dos entrevistados, “o processo, a condenação e a prisão de Lula foram políticos, pois muita gente não gosta dele” (em fevereiro, antes da prisão, a condenação era assim avaliada por 55%). Para 52%, “Lula e qualquer pessoa tem o direito a só ser presa depois que a Justiça decida em última instância, ou seja, depois de recorrer aos tribunais superiores” (eram 48% em fevereiro).

A prisão de Lula é absurda para uma vasta parte do Brasil: está preso o “melhor presidente” que tivemos, de acordo com 55% dos entrevistados (o segundo colocado tem 9%); aquele em cujo governo a vida de 59% dos cidadãos “melhorou muito” ou “melhorou”; de quem “gosta” 52% dos brasileiros; com base em uma condenação “sem provas” para 41% e apoiada por apenas 34%. Enquanto isso, estão por aí personagens que nada fizeram por elas e cujas culpas são reais e não precisaram ser fabricadas.

Sinal dos tempos: depois de, nos últimos três anos, ultrapassar a outra, a proporção daqueles que dizem “detestar” ou “não gostar, mesmo sem detestar” o PT ficou agora em 26%, enquanto aquela dos que afirmam “gostar, sem ser petistas” ou que “se sentem petistas” foi a 30%. Após a prisão de Lula, aumentaram os petistas e diminuíram os antipetistas.

Na história, gestos de rancor e arrogância como os que Lula sofreu costumam produzir efeitos não intencionais desse tipo. •

representantes oficiais do governo.

As duas pesquisas concordam que esse é o quadro, embora discordem em relação ao que cada candidato teria exatamente. Também são iguais no que se refere ao segundo turno, com a manutenção inalterada da liderança de Lula depois da prisão.

Essa estabilidade nas intenções de voto parece haver exasperado a *Folha de S. Paulo*, que resolveu inventar que o petista teria sido “enfraquecido” pela



A Semana

O solidário Paul Singer

Um dos precursores no Brasil do conceito de economia solidária, Paul Singer morreu aos 86 anos na segunda-feira 16. O economista foi um dos fundadores do PT e participou da formulação do programa de desenvolvimento que visava ao fortalecimento do mercado de consumo interno por meio da distribuição de renda. Singer nasceu na Áustria em 1932 e chegou ao Brasil em 1940, em companhia da família que fugia da perseguição aos judeus na Europa.

Obituário/ Adeus à “Dama do Samba”

Dona Ivone Lara, compositora de clássicos da música popular, morre aos 97 anos. “Ela sempre cantarolava para os netos”, lembra a nora

Primera autora de samba-enredo, líder comunitária, compositora de sucessos como *Sonho Meu*, Dona Ivone Lara morreu na noite da segunda-feira 16 em decorrência de um quadro de insuficiência cardiorrespiratória. Estava internada desde a sexta-feira 13, data em que havia completado 97 anos.

“Ela estava sempre procurando um caderninho para escrever uma música, estava sempre cantarolando para o neto. Até a última semana ela estava superbem, com a cabeça ótima. Ela estava muito fraquinha, mas a cabeça estava ótima”, contou a nora Eliana Lara Martins da Costa.

Dona Ivone compôs a primeira canção, *Tiê, Tiê*, aos 12 anos. Ligada à velha guarda da Portela, ganharia a alcunha de “Grande Dama do Samba”. Enfermeira e assistente social, especialista em Terapia Ocupacional, trabalhou com Nise da Silveira, pioneira no tratamento humanizado em clínicas psiquiátricas. Percorreu quilômetros de estrada pelos municípios do Rio de Janeiro e pelos estados vizinhos para localizar familiares de pacientes abandonados no manicômio.



Lugar cativo no
panteão da MPB

Rio de Janeiro/ MARIELLE E A INTERVENÇÃO

O ASSASSINATO DA VEREADORA COMPLETA UM MÊS. A CHEGADA DOS MILITARES, DOIS. SOBROU A FESTA

Passado um mês da morte da vereadora Marielle Franco e encerrado o luto nacional (ou seria festa?), quase nada se sabe sobre a autoria e as razões do crime. Sem muito a oferecer, Raul Jungmann, ministro da Segurança Pública, afirmou na segunda-feira 16 que há

indícios da participação de milícias no assassinato. As gangues comandadas por policiais eram alvo constante das críticas da parlamentar do PSOL. Jungmann pediu paciência.

Paciência é a única coisa que não falta neste episódio, como de resto na intervenção

federal, que completou dois meses. Os tiroteios no Rio de Janeiro, nesse período, cresceram 15%, sem falar nas chacinas e na morte de policiais militares. O máximo que os militares fazem na cidade é exibir os equipamentos das Forças Armadas e constrianger moradores da periferia.

Como Jungmann, o porta-voz da intervenção pediu paciência. “Toda a parte de diagnóstico está praticamente concluída”, afirmou Roberto Itamar. “Agora se inicia uma nova fase, que são as ações.” Ainda bem que o coronel avisou a plateia. Podemos dormir tranquilos.

ADRIANA LORETE E GUSTAVO LOURENÇÃO



Protagonistas/ Obrigado, Dona Ivone, evoé, Paul Singer

O Brasil perde duas referências, na música e na economia

POR AFONSINHO

Nesta hora em que a cada dia mais aumenta a sensação da nova escravatura que insistem em nos impingir, perdemos Dona Ivone Lara aos 97 anos de idade. Justamente no momento em que se torna cada vez mais clara a importância da Cultura Popular em todas as formas de expressão, inclusive o Esporte.

Vem à lembrança o tempo em que Paulinho da Viola falava com grande admiração daquela mulher da Império Serrano, enfermeira de profissão, que se apresentava tocando cavaquinho. O tempo passou como um rio em nossas vidas e Dona Ivone só fez crescer, apresentava-se, agora sem o instrumento, magnitude na Arte de expressar o sentimento do povo novamente tão necessitado de se fazer ouvir. Seus 97 anos de idade foram muito bem aproveitados para esparar os muitos herdeiros que vão honrar as lições de resistência que ela soube expressar em suas Músicas assim como soube fazer em sua própria vida. Aos 86 vai com ela o extraordinário intelectual Paul Singer, outro grande resistente da Justiça Social. Obrigado!!!

Por meu lado, o ânimo cresce ao ver se ampliando a vinculação internacional do processo político brasileiro que muito me preocupava desde a instalação desse descarado golpe que ora sacrifica no sentido mais amplo da palavra o Lula, a maior expressão do talento político do povo brasileiro, o que não deixará de ser reconhecido mais dia menos dia graças à mobilização cada vez maior

das forças populares em todo o mundo.

A política brasileira de esportes serve bem para se avaliar o tamanho do descalabro em que estamos metidos; no momento em que as atividades esportivas ganham uma valorização tão grande no plano econômico, aumentando sua importância política, em pleno ano de Copa do Mundo, muda-se de ministro de Esportes sem nenhuma repercussão e a entidade maior do futebol, o esporte mais popular em todo o mundo, deixa escancarada a condição colonialista de sua (des)organização, afundando o pé no pescoço dos torcedores, mensalões e lava jatos no Esporte nem pensar.

Compreende-se a dificuldade de se modificar a estrutura de poder ancorada no Sistema Fifa, sua natureza medieval, entretanto, não deve sustentar-se por muito tempo. Chama atenção por que razão não se desenvolvem ligas paralelas num “negócio” já tão congestionado, a legislação nacional permite, a exemplo de outros países que fazem isso, como o americano. A Liga vai se formando, apesar de ter aberto mão este ano em função do calendário apertado, a manifestação declarada de repúdio de Flamengo, Corinthians, Vasco da Gama e Atlético-PR mexe na balança com peso forte e pode arrastar outros descontentes menos poderosos calados, por enquanto, em frente.

Duas semanas de grande intensidade nos campeonatos brasileiros e europeus,

enquanto por aqui se encerrou a fase inicial do calendário com os estaduais ainda festejando seus campeões. Por lá se aproxima o final da temporada que apresenta, em alguns casos, campeões nacionais com grande antecipação, como o do Bayern de Munique, na Alemanha, talvez o mais desigual, e o Manchester City, no mais rico de todos. Na França, o Paris continua passeando, fechou o título com 7 a 1 à francesa, o Barcelona na Espanha aproveita a desclassificação inesperada na Champions para poupar seus craques, favorecendo as seleções de seus países de origem.

Pegam fogo mesmo agora os jogos finais da Champions; depois que o Real afastou a Juventus, vai ser difícil segurar tantos jogadores motivados pela Copa que se aproxima; onde existem jogadores de olho no Mundial de seleções o futebol cresce muito nestes momentos.

Também, tanto no Brasil quanto na Europa, dois fatos relativamente novos instigam os observadores, as derrotas do Barcelona e do Manchester City, que bebem na mesma fonte de privilegiar a técnica e valorizar a tal “posse de bola”, ambos foram vítimas da antiga “marcação por pressão” intensa desde o começo dos jogos, a “marcação alta”, como se diz agora. No fundo está em jogo o futebol Arte x Força; corremos risco sério? Entramos na era dos treinos com mais de 45 mil pessoas em dia comum de trabalho, ou são sinais dos tempos (!).

Obs.: Necessário pensar-se em alguma estratégia para abreviar a decisão de casos como o do meio de campo que não joga nem no Fluminense nem no Palmeiras por questões contratuais.

Uma carreira tão curta não pode prescindir de resolução breve, além de o peso da inatividade ter outras consequências, tudo menos intransigência. •



A Semana

Entrevista/ “Como Lula, sou vítima de *lawfare*”

Jorge Glas, ex-vice do Equador, acusa a Justiça de persegui-lo

Um dos líderes da “Revolução Cidadã” do ex-presidente Rafael Correa no Equador, Jorge Glas está na cadeia desde outubro. A prisão preventiva converteu-se em dezembro em uma pena definitiva de seis anos por associação ilícita, em razão da delação da Odebrecht nos EUA e no Brasil. Até ir em cana, Glas era vice de Lenin Moreno, o sucessor de Correa, cargo do qual foi afastado pelo Parlamento em janeiro. Agora quem enfrenta um processo parlamentar é seu algoz, Carlos Baca, procurador-geral deposto em março por vaziar um grampo contra o presidente do Legislativo, José Serrano, outro a perder o posto. Do cárcere, Glas concedeu a seguinte entrevista a André Barrocal.

CartaCapital: Por que o senhor diz ter sido condenado por vingança da Odebrecht?

Jorge Glas: Em 2008, tínhamos o problema de uma hidrelétrica mal construída pela Odebrecht. Eu era presidente de uma *holding* de empresas do Estado, entre elas as de energia. Coube a mim apresentar a reivindicação legal para a Odebrecht reparar o dano. Eles se recusaram, queriam cobrar pela reparação. Isso era inaceitável. O problema subiu até o presidente da República e eu sugeri a expulsão da empresa do Equador. Isso representou para eles a perda de contratos. A Odebrecht tem mais de 1,3 bilhão de dólares de motivos para me odiar.

CC: O senhor diz ter sido ameaçado por Marcelo Odebrecht. Como foi?

JG: Em 2008, no meio da cobrança de reparos à Usina de San Francisco, ele veio me ver e em tom arrogante me disse que “ele compreendia o uso político dessa questão, que ia fazer reparos na usina e depois me mandar a fatura”. Eu rejeitei, categoricamente, esse comentário e o botei para fora do meu gabinete. Da porta, ele afirmou: “Você nem sempre será um funcionário público, mas eu sempre serei Marcelo Odebrecht”.

CC: O delator Santos disse ter pago 15 milhões de dólares ao senhor.

JG: Ele mente. Nem o procurador Baca nem Santos têm sido capazes de apresentar qualquer prova contra mim, porque não existe. Apresentei duas auditorias do meu patrimônio realizadas pela Controladoria-Geral do Estado. Toda a minha renda é justificada e corresponde ao meu salário de funcionário público e, no caso da minha esposa, ao salário em uma empresa privada na qual trabalhou por mais de 12 anos. A Procuradoria pediu uma análise adicional ao Serviço de Rendas Internas e

à Unidade de Investigação Financeira. Sou o servidor mais auditado na história do Equador, sem que se tenha encontrado uma única irregularidade.

CC: Santos apresentou ao procurador-geral a gravação de uma conversa entre vocês como prova.

JG: Essa gravação é a maior prova da minha inocência. Usam uma gravação clandestina, um ato de espionagem política, sem que se questione esse aspecto. Estávamos os dois sozinhos no gabinete e em nenhum momento eu mencionei algo incorreto e, portanto, nada que possa respaldar as acusações. Nem sequer menciono algo que possa levar a qualquer dedução. Peço, por favor, a você e à mídia responsável para ouvir essa gravação e dar o testemunho público da montagem que foi feita para que fosse tratado como prova algo que é impossível que o seja.

CC: O acordo da Odebrecht com os EUA e o Brasil foi manipulado contra o senhor? Por quê?

JG: Porque eu não estou envolvido em nada. Existem delações por encomenda para perseguir objetivos políticos. Mesclam mentiras com verdades, culpados com inocentes, para que o público acredite que todos são culpados. Condenam sem provas sob a figura legal da associação ilícita. Segundo a lei equatoriana, é crime o simples ato de se associar, mesmo sem resultados. O relatório do Departamento de Justiça dos EUA nem me cita, e a fonte é a própria Odebrecht.

CC: O senhor acusa o procurador-geral de ter mentido à Justiça sobre

“NÃO ESTOU ENVOLVIDO EM NADA. CONDENAM SEM PROVAS”

RODRIGO BUENDIA/AFP



Glas foi condenado a seis anos de prisão

os acordos da Odebrecht e de Santos no Brasil. Qual a mentira?

JG: No julgamento, ele disse que Santos havia sido condenado no Brasil e que não o acusaria no Equador graças ao princípio de *Non Bis In Idem* (*ninguém pode ser julgado duas vezes pelo mesmo fato*). Você sabe que Santos não foi condenado em última instância no Brasil. A absolvição da Odebrecht no Equador constitui uma fraude processual.

CC: Porém, se é mentira, por que a

Justiça levou em conta a informação no seu julgamento?

JG: Tudo é parte de uma conspiração para me tirar da Vice-Presidência. Tornei-me a pedra no sapato para que eles pudessem fazer e desfazer do país como fazem agora.

CC: Lula também argumenta ter sido condenado sem provas. É coincidência?

JG: O libreto é exatamente o mesmo, o *lawfare* é o novo Plano Condor. Não só as oligarquias e a mídia mercantilista de

nossos países estão envolvidas. Há mais, há estratégias geopolíticas. A associação ilícita é a maneira moderna de condenar sem provas. Primeiro eles destroem sua reputação na mídia, depois conseguem uma testemunha falsa e aí te condenam. Cada vez mais os cidadãos se dão conta, no entanto, do atropelo, graças às redes sociais e à sociedade da informação. E há os tribunais internacionais. Nós que não temos nada a esconder não fugimos. •



A Semana



Diplomacia K-Pop: Kim e o ministro da Cultura de Seul, Do Jong-hwan, aplaudem grupo musical do Sul

Coreias/ Progressos inesperados

Subitamente, a paz parece voltar a ser possível

A reviravolta no confronto que pareceu à beira da guerra nuclear talvez seja a única boa surpresa internacional de 2018. As relações entre as Coreias melhoraram com a cooperação esportiva nos Jogos Olímpicos e a visita de um grupo de K-Pop a Pyongyang. E, em encontro secreto com Kim Jong-un na segunda semana de abril, o secretário de Estado e ex-diretor da CIA Mike Pompeo preparou negociações diretas entre o líder norte-coreano e Donald Trump. Um encontro entre Kim e o presi-

dente sul-coreano Moon Jae-in está marcado para 27 de abril.

Segundo Seul, a Coreia do Norte aceitaria a “desnuclearização total” em troca de garantias de segurança e do fim de ameaças, embargos e sanções. A Coreia do Sul, por sua vez, se diz disposta a aceitar um tratado de paz definitivo para substituir o precário armistício de 1953. Em tese, o acordo é bom para todos, inclusive para Trump, que pode posar de estadista e retirar da Coreia do Sul as tropas de cujo custo tanto se queixou durante a campanha.

Sob nova administração

Na quinta-feira 19, Cuba deixou de ser governada por um Castro pela primeira vez em 59 anos. Depois de 49 anos de Fidel e 10 de Raúl, este transmitiu a Presidência a Miguel Díaz-Canel, professor e engenheiro que faz 58 anos na sexta-feira – nascido, portanto, depois da Revolução –, enquanto outros veteranos da Sierra Maestra cediam seus cargos a novos dirigentes com uma média de idade de 48 anos, entre os quais Alejandro Castro, filho de Raúl de 52 anos, no comando das Forças Armadas. Salvo pela liderança do Partido Comunista, que continuará com Raúl até 2021, a nova geração detém agora as chaves do poder e a condução das reformas, mas nem castristas nem anticastristas esperam grandes mudanças.



Para May, o ataque foi “forte o bastante para intimidar e fraco o suficiente para não provocar a Rússia”

Síria/ FALSOS ALVOS

OS MÍSSEIS DA OTAN NÃO PREJUDICARAM ASSAD, MAS SIM A ORDEM INTERNACIONAL

O ataque dos EUA, Reino Unido e França do sábado 14 foi quase simbólico. Destruíu supostos laboratório e armazéns de armas químicas sem causar dano real ao Exército sírio. Se serviu para os atribulados Donald Trump, Theresa May e Emmanuel Macron posarem como guerreiros e distraírem o público de seus problemas

internos, também reforçou Bashar al-Assad, ao deixar claro que o Ocidente não tem a intenção de derrubá-lo e mobilizar o povo de Damasco a seu favor. Horas depois, partiam para Idlib os últimos rebeldes de Douma. Continua duvidoso o suposto ataque químico que se alegou retaliar com o bombardeio. O repórter Robert Fisk foi a

Douma e ouviu um médico e moradores que o negaram. Mas é certo que Reino Unido e França se uniram a Trump no desprezo pela legalidade e pelas organizações internacionais e o precedente da intervenção unilateral justificada pelo direito da força poderá ser invocado pela Rússia ou pela China quando lhes convier.